

Stadium

N.º 166 — 6 de Fevereiro de 1946 — Esc. 2\$00

O Desafio da Seleccção no Lima

SALVADOR,
magnífico avan-
çado, em luta
com ANJOS,
médio esfor-
çado do Pôrto!





FLECHA

A Bicicleta da Actualidade

A ILUMINANTE

STAND FLECHA

Largo do Intendente—LISBOA



O estilo de Capela revela-se bem nesta face



A despeito do esforço de Peyroteo, — Vinagre conseguiu levar a melhor



Luta-se na defesa portuense, com superioridade para Moreira



Amazo dominat o ataque portuense.

O GRUPO NACIONAL

Venceu no Estadio do LIMA
por 3-1



Este «goal» não pode validar-se. O portuense, que o marcou, estava deslocado



A selecção nacional que venceu no Porto



A selecção portuense



Barrigana responde com uma grande defesa ao remate de Peyroteo



No momento de remate, Peyroteo é desarmado por Vinagre

A selecção nacional de futebol começou praticamente a sua preparação em campo, indo fazer ao norte, e a pedido da Associação de Futebol do Porto, um desafio formal contra o grupo representativo da Associação.

Pela selecção nacional alinharam na 1.ª parte: Azevedo, Feliciano, Cardoso, Amaro, Moreira, Francisco Ferreira, Moreira (Olhannense), Quaresma, Peyroteo, Salvador e Rafael. Na segunda parte, ocuparam os seus lugares Manuel Marques, Mateus, Felix, Cabrita e Albano.

No grupo do Porto, formaram os seguintes jogadores: Barrigana, Vinagre, Francisco Silva, Anjos, Serafim, Paulo, Lourenço, Araujo, Correia Dias, Calado e Barros. Quase a meio da segunda parte saiu Araujo, por lesão sem gravidade, entrando Pedro.

O encontro comportou dois aspectos, conforme os tempos. Na primeira parte o jogo foi bom, com fases puras de jogo. Os internacionais integraram-se com pericia no plano de jogo escolhido, e combinaram com habilidade e mestria. Desde a defesa ao ataque, o grupo actuou em conjunto e como um bloco. Notável a sua acção no sentido de passar da defesa ao ataque ou vice-versa. Aquilo que caracteriza as grandes equipas verificou-se no team: ou tudo ao ataque, nas devidas posições; ou tudo à defesa, cada um desempenhando a sua função. Neste aspecto, a equipa portuguesa cumpriu inteiramente. Além do que era de esperar. A verdade é que os internacionais mostraram grande aptidão. Quer dizer, jogo em conjunto praticado por figuras. Numa altura em que se afirma que os grupos valem pelos seus conjuntos, mas que não há elementos para resolverem, por si só, o problema de um desafio, não deixa de ser curiosa esta particularidade.

Mas ao intervalo registou-se o empate de 1-1. A selecção falhou no capitulo do remate, mas em boa verdade encontrou uma forte resistência. Os nossos avançados acusaram o defeito de rematarem nas piores condições, esquecendo-se dos companheiros que estão ao lado, melhor colocados. Quantas bolas não se perdem por causa de isto?

O grupo portuense — é justo dizer-se — forneceu também razoável medida de futebol. Pecou, quanto a nós, pela falta de conjunto. Porque qualidades não faltam a alguns dos homens que alinharam. — T. da S.

Belenenses, Benfica e Sporting fogem quase que em pelotão!

Destaquemos o bom jogo do OLHANENSE e do PORTO — O BENFICA passou de forma admirável — Jogos equilibrados, de modo geral



Ancna jornada do Campeonato Nacional da Primeira Divisão decidiu o problema abertamente a favor de Lisboa. Como as forças lisboetas estão embaladas — é difícil dar-lhes a ordem de parar. Entre os cinco participantes com pretensões figuram todos os representantes de Lisboa. O caso é significativo. Só o Olhanense resiste galhardamente. Até quando? — Vamos a ver se o grupo tem suficientes forças morais e técnicas para a grande luta a que o submetem, ou se terá de ficar pelo caminho no convencimento de ter já feito uma bela figura! Entre o bloco dos cinco e os restantes concorrentes existe um fosso muito difícil de transpor.

Os olhanenses vieram a Lisboa defrontar, no Estádio do Lumiar, os seus mais irreduzíveis adversários, aqueles que o clube nunca conseguiu vencer. Ainda desta vez — venceram os leões. O fatalismo continua a pesar nas lutas entre os dois clubes. Porque os algarvios fizeram tudo para ga-



Barrigana bloca!

nhar, esquecendo-se do que era mais importante: o remate.

Na verdade, em todos os aspectos, e das balizas ao ataque, o Olhanense estava à altura das circunstâncias. Passando a bola com precisão e certeza, os homens do sul conseguiram realizar com destreza o seu plano de futebol. Tanto ao ataque como à defesa, embora

bem melhor no primeiro capítulo.

Pode afirmar-se que o ataque é a grande força do futebol olhanense. Os rapazes revelam bom toque de bola, ciência de desmarcação e ligação de movimentos. Recorde-se cuidadosamente o jogo, e veja-se se os algarvios não tiveram mais tempo do que o adversário a bola nos pés...

E' que, além de tudo, o jogo algarvio tem de revelar a marca ofensiva. Quando não — perde-se. Fica sem ritmo. Pela simples razão de que os seus médios, com excepção do esforçado Loulé, são muito melhores no auxílio da avançada do que na protecção do reduto defensivo.

A parte mais frágil do team é, portanto, a defesa. Ainda que Rodrigues seja um osso difícil para qualquer dianteiro, e os outros, Abraão e Nunes, tenham uma categoria regular. Mas os algarvios falharam no sector do remate, como de outras vezes, aliás (famosa acrescentar, mas não o fazemos, pela possibilidade de errar: sempre que encontram na sua frente uma defesa forte e com capacidade!). E a não modificarem a toada, suceder-lhes-á muitas vezes o mesmo. Quer dizer: dominarem e perderem. Que é coisa que custa a ver — um grupo que joga com tanto entusiasmo, rapidez e alegria!

O Sporting não conseguiu uma grande partida. Nem famosa. Nem de alto nível. Poderá apresentar, é certo, uma grande atenuante: o toque de rins ocasional, mas que diminuiu de modo decisivo as facultades do nosso avançado-centro nacional. Ele ficou em campo — à espreita de uma oportunidade. Podendo correr para a frente, mas incapaz para os movimentos de rotação do corpo.

Se isto é importante, não se nos afigura suficiente para justificar o trabalho inferior da linha atacante leonina. Os extremos não conseguiram perfurar convenientemente a muralha defensiva, e os interiores não movimentaram o ataque como seria para desejar.

Porque, sobre a linha média,

não é justo que caíam as recriminações. Barrosa portou-se esplendidamente, sendo a verdadeira figura central do grupo — a luz que irradia para todos os lados. E' certo que as asas medulares lhe deram o devido apoio, jogando com inabalável confiança. Mas o seu rendimento excedeu a expectativa.

Por outro lado, o Sporting teve uma defesa sólida — estrutural-



Capela defende!

mente sólida e ligada. Uma verdadeira muralha intransponível! Os seus componentes aproveitaram hábilmente as demoras de remate e os descuidos dos contrários para tapar os buracos abertos. Para aquilo que não chegaram — e pouco foi! — lá estava o célebre Azevedo, o homem que presente o remate antes dele ser executado.

Apesar de tudo vincamos a ideia, por ser a realidade: — os olhanenses perderam por falta de remate. Rectificando: por não rematarem como devia ser. Fizem-no, quase sempre, dos lados, facilitando a acção do guarda-redes do Lumiar, apesar de terem no centro do terreno homens em boas condições para o chute do knock-out. Por felicidade para o Sporting, este incluí no seu ataque um elemento que não perdoa em frente das redes. Peyroteo é implacável. Só ele pode ganhar um desafio — como se viu!

Sporting: Azevedo, Cardoso, Manuel Marques, Canário, Barrosa, Lourenço, Armando Ferreira, Cordeiro, Peyroteo, António Marques e Albano.

Olhanense: Abraão, Rodrigues,



Lula renhida!

Nunes, João Santos, Grazina, Loulé, Moreira, Joaquim Paulo, Cabrita, Salvador e Eminência. **Arbitro:** José Trindade, de Setúbal.

O Belenenses continua á cabeça...



TIVERAM sorte os belenenses? — Talvez. Mas o certo é que os jogadores se comportaram magnificamente, e muito em especial nos ins-

tantes delicados que a partida forneceu. Veja-se apenas isto, e verá-se que tais palavras têm toda a razão de ser: o Porto chegou a fazer 2-0, e em semelhantes circunstâncias somente uma equipa robusta e consciente não se deixa impressionar. O mesmo é que dizer diminuir. Além de tudo, já com as dificuldades provocadas pelo afastamento forçado de Feliciano, um gigante do jogo, o grupo ainda teve de enfrentar as consequências da lesão do médio-centro, vindo-se praticamente reduzido, de certa altura em diante, a dez unidades.

Isto não quer dizer nada contra o Porto. Mas tão somente vincar um êxito, e a forma como ele foi alcançado. De resto, vencer adversários fracos não é grande merecimento. Ora o Porto foi um adversário que não se deixou vencer com facilidade — o que significa que temos novamente, com o regresso de Barrigana, um bom conjunto no campeão do Norte. Procurou a vitória em todos os momentos e veio a perder com brio e honra, em luta igual e equilibrada.

Os portuenses usaram uma tática que, nem por muito conhecida, deixou de dar resultado — quando os grupos são fortes e têm a consciência do seu valor. Caíram a fundo no primeiro quarto de hora, impulsionados por esse magnífico jogador que é Araújo. Bem apoiados pelos médios, os atacantes ligaram com perfeição as suas tarefas numa demonstração eficaz de jogo de conjunto. Não se pode exigir mais a uma equipa que, na arrancada de começo, consegue marcar duas bolas, e uma delas de bandeira!

Os belenenses não se impressionaram grandemente com o facto — apavorante! E foram felizes na sua reacção, com uma bola que diminuiu a distância... Quem sabe se esse tento não decidiu a sorte da luta! Nem a inutilização de Gomes quebrou o seu ânimo. Quando deixaram o subterrâneo para se apresentarem na segunda parte — levavam consigo as mais fundadas esperanças!

E isto é tanto mais notável quanto é certo que os portuenses

continuaram a ameaçar, e a produzir bom futebol, do ataque à defesa. Mas especialmente ao ataque, devido à inspiração do sempre destacado Araújo. Neste começo, diga-se mesmo que os homens do Norte foram ainda os melhores sobre a relva, jogando rasteiro e em toada precisa. O jogo adquiriu, após o empate, a maior das emoções. Fazendo sofrer os partidários de um e de outro lado!

O Porto praticava um jogo mais rectilíneo — quando na posse da bola. Pelo contrário, os lisboetas complicavam a sua vida de ataque, dobrando por vezes desnecessariamente os passes, e demorando os movimentos e os lances — no defeito que tantas vezes têm mostrado. Pelos vistos, em que insistem. Mesmo após o ponto do triunfo, a luta não arrefeceu. Não só em vista do Porto não se ter entregado, mas em virtude de os homens de Belém compreenderem que não podiam sossegar. A luta era de respeito! Registaram-se em um e outro campo várias oportunidades. Desperdiçadas. Ao soar o apito do juiz de campo, os belenenses soltaram um ah! de alívio. Respiraram fundo. A vitória tinha sido arrancada a ferros.

As bolas portuenses foram marcadas por Correia Dias e Araújo, e as do Belenenses resultaram de remates em jeito de habilidade do seu estreante avançado-centro, provavelmente um nome que nasce para o futebol português.

Belenenses: Capela, Vasco, Martins, Amaro, Gomes, Serafim, Armando, Elói, Andrade, Quaresma e Rafael.

Porto: Barrigana, Alfredo, Camilo, Anjos, Romão, Octaviano, Lourenço, Araújo, Correia Dias, Freitas e Joaquim. **Árbitro:** Augusto Pacheco, de Aveiro.

A vitória da Académica e o empate do Oliveirense



NÃO podemos deixar de afirmar que o resultado de 5-1 que se verificou no campo do Lusitânia, em Coimbra, não reflecte a marcha do

jogo. Muitas vezes sucede isto, na bola. O desafio decorre com equilíbrio, e um dos grupos vem a perder por uma diferença sensível de bolas, um pouco por infelicidade e outro tanto pelo bom e feliz remate do adversário...

E' que os elvenses jogaram razoavelmente — procurando logo de início atingir o seu adversário em cheio. O seu ataque mantém características de vivacidade e de movimento, já postas em relevo em outras ocasiões. Os rapazes de Elvas foram bem melhores ao ataque do que à defesa. Esta deixou-se bater com relativa facilidade nos momentos grandes! Mas é de aplaudir, acima de tudo, o entusiasmo que os elvenses põem sempre na luta, quer estejam a perder ou a ganhar.

A Académica estabelece melhor ligação, o fundamento do seu triunfo. Mas ambos os grupos não construíram jogo claro, de passagens limpas, em triângulos, mas sim futebol um pouco confuso — que significa, em boa análise, deficiente desempenho dos intérpretes. Ao intervalo, o desafio estava



Correia Dias corre!

praticamente acabado. 4-1 a favor da Académica não podia ser suplantado pelos visitantes. Por isso mesmo, a luta ofereceu menos interesse no segundo tempo. A toada de jogo foi, manifestamente, de vantagem dos académicos. Marcaram em primeiro lugar os elvenses, por intermédio de Massano. Havia apenas dois minutos de jogo. Pouco depois, a Académica conseguiu o empate com uma bola enfiada por Leite, seguindo-se tentos de Lemos, Angelo e Leite, o 4.º e o 5.º.

Académica: Jaques, Albino, Mário Reis, Aristides, Brás, António Maria, Lemos, Azeredo, J. João, Leite e Angelo.

Elvas: Semedo, Fernandes, Ameixa, Santos, Rana, Proença, Silva, Massano, Patalino, Aleixo e Joaquim. **Árbitro:** Luis Ferreira, do Porto.

O Atletico conseguiu somente arrancar no campo de Albergaia um empate. A verdade, porém, é que não fez um jogo por aí além...

Certamente, mostrou-se superior tanto em conjunto como individualmente. Mas jogou muito ao gosto de cada elemento, sem conseguir dominar o adversário em termos de criar as indispensáveis oportunidades. A melhor ligação lisboeta operaram os oliveirenses uma tenacidade na defesa de boa fibra. E não se julgue que os jogadores de Oliveira de Azemeis se deram excelentemente a tarefa defensiva. Pelo contrário, bateram os pés — quando tiveram ocasião de se dirigirem a Correia.

A defesa do Oliveirense, bem organizada, chegou para o ataque adversário. Verdade seja, um percalço sucedido ao centro Gregório, quase no começo do segundo tempo, diminuiu a capacidade do grupo. Mas os lisboetas estiveram longe do seu melhor.

Na primeira parte — não houve tentos — Os bons instantes escaparam sem aproveitamento. No segundo tempo, o jogo reflectiu mais movimento e animação. Uma bola de Manuel da Costa, fazendo tabela nos pés de uma defesa adversário, parecia indicar vitória lisboeta. O adversário não desanimou, entregando-se a luta esforçada. Sem dúvida, eis, nesta altura, o melhor trecho oliveirense. A bola do empate premiou esse trabalho. Quando o Atlético se decidiu novamente a cair-a fundo, na esperança de readquirir aquilo que perdera — já era tarde! Os oliveirenses jogaram as últimas, salvando ao menos um ponto de tabela. O seu comportamento merece destacar-se, tanto mais que é certo ter sido expulso do campo o seu dianteiro-centro

Santos, acusado de lance de violência.

Oliveirense: Teixeira, Henrique, Joaquim, Oliveira, Pinho, Adelino, Aníbal, João Tavares, Santos, José Tavares e Armando.

Atlético: Carreira, Castro, Francisco Lopes, Baptista, José Lopes, Morais, Micael, Armando, Gregório, Marques e Manuel da Costa.

Árbitro: Anizio Morgado, do Porto.

O Benfica afirma a sua força. Guimarães avança!



REALMENTE, pode dizer-se que, de todos os clubes que defrontaram até agora o Boavista no Porto, aquele que executou melhor trabalho, deixando

excelente impressão — foi o Benfica. A equipa quis ganhar. E ganhou mesmo. O facto do Boavista ainda não ter perdido no seu campo como que espicaçou a gente benfiquense. Os lisboetas lançaram-se ao ataque com entusiasmo e vivacidade, mantendo íntegro o seu conjunto. Quer dizer: ordenando os seus lances com cabeça e inteligência. Chegou ao resultado de 2-0, suportou a triunfante reacção dos portuenses, que se elevaram ao empate 2-2, e recompose como se nada se tivesse passado. Nunca passou pela cabeça dos lisboetas que pudessem perder!

O Boavista jogou melhor na primeira parte e na fase de começo do que na segunda. Caso curioso, não marcaram quando era mais fácil ou quando deviam, e fizeram-no quando era mais difícil ou quando jogaram menos. E' a bola!

A primeira parte acabou com 2-0 a favor de Lisboa — bolas de Mário Reis e Espírito Santo. No segundo tempo, os benfiquenses actuaram confiadamente, brilhando o seu excelente plano. Mas os boavistas, em dois livres, por intermédio de Cardoso, construíram o empate, e a equipa viu-se na necessidade de partir novamente à conquista... Fê-lo com beleza, energia e inteligência. Espírito Santo conseguiu o terceiro ponto, e mais tarde o ex-

tremo Rogério consolidou o triunfo. Todos são unânimes em afirmar que o Benfica venceu bem, desenvolvendo futebol ligado e eficaz. Ao contrário do seu adversário, que, mesmo nas ocasiões de ligação de ataque, não dava grande sensação de perigo! A falha de Moreira como eixo do grupo parece não ter sido muito sensível, em vista de Jordão estar à altura da tarefa.

Boavista: Oscar, Vinagre, Silva, Ramos, Raimundo, Chaves, Zeca, Serafim, Sousa, Caiado e Barros.

Benfica: Martins, Cerqueira, César, Pessoa, Jordão, Francisco Ferreira, Mário Reis, Arsénio, Espírito Santo, Teixeira e Rogério. **Árbitro:** José Lira, de Braga.

O Vitória de Guimarães bateu à tangente o Vitória de Setúbal. Jogo equilibrado, bem disputado de parte a parte e com fases de vibração. A evolução do resultado, um pouco caprichosa, aumentou o interesse pelo jogo. Qualquer dos grupos, talvez no desejo de surpreender o adversário, parece ter dado à partida um andamento rápido. O primeiro tempo acabou 1-1, tendo sido os de Guimarães a marcarem em primeiro lugar. Na segunda parte, Cardoso Pereira, de Setúbal, aproveitou muito bem a indecisão dos jogadores locais — parados e à espera que o árbitro assinalasse *mão* — para colocar o seu grupo em vencedor. Um minuto depois conseguia Franklim estabelecer o empate, e a equipa caminhou depois, em passos firmes, para o triunfo, que chegou com um tento de Curado.

A grande figura do encontro, pelas notícias que nos chegaram de vários sectores, foi o extremo Franklim, jogador de pés mágicos, ainda homem de velocidade e de ciência de jogo. Mas, de um modo geral, todos conseguiram um nível aceitável. Como principal arma, os setubalenses apresentaram em Guimarães um futebol rápido, obrigando o adversário a empregar-se a fundo.

Vitória G.: Machado, Garcia, João, Luciano, Curado, José Maria, Franklim, Brioso, Alexandre, Alcino e Arlindo.

Vitória de S.: Acácio, Montez, Armando, Pereira, Pina, Pacheco, Campos, Nunes, Rodrigues, Cardoso Pereira e Carlos Santos. **Árbitro:** Vale Ramos, de Aveiro.

Segunda Divisão

Classificação destacada dos famalicenses

Resultados da última jornada:

Grupo A — **Série 1:** — Leixões-União Paredes, 6-0; Sporting Fafe-Sporting-Braga, 3-1; Avintes-Vila Real, 4-4.

Série 2: — Cendal-Maximimense, 3-4; Romaldense-Ermesinde, 0-1; Infesta-Famalicao, 2-10.

Série 3: — Coimbrões-Gil Vicente, 0-2; Aves-Vianense, 2-4; Selgueiros-Académico Porto, 5-1.

Série 4: — Vilenovense-Ovarense, 1-1; Sporting Espinho-Leça, 2-1; Progresso-União Lamas, 0-9.

Grupo B — **Série 5:** — Sanjoanense-União Coimbra, 2-3; Beira-Mar-Lisboa Viseu, 2-0.

Série 6: — St. Marinhense-Naval 1.º de Maio, 1-0; Lusitânia-Tondela, 4-1.

Série 7: — Ferroviários-Nazaré, 1-1; F. Benfica-Op. Vilafrancesca, 1-3; Alhandra-Alcobaça, 3-2.

Série 8: — Mineiros-Matrena, 0-4; Alcanenense-Torreense, 2-1.

Grupo C — **Série 9:** — Bombarrelense-Chelas, 4-1; Estoril Praia-Leões de Santarém, 11-0; União Operária-Cuf Lisboa, 2-4.

Série 10: — Seixal-Ginásio Calilhas, 2-2; Almada-Lisboa Oliveiros, 4-0; Marvilense-Casa Pia A. C., 2-1.

Série 11: — Palmelense-Operário-Lisboa, 7-1; Barreirense-Fósforos, 3-0; Sacavenense-Monte Caparica, 2-1.

Série 12: — Luso Barreiro-Lusi-

(Continua na página 15)

ARAUJO

O melhor jogador do Porto
diz-nos coisas...

O portuense Araujo é hoje um valor positivo do nosso futebol. Ainda jovem, aos 19 anos apenas, ingressou no F. C. do Porto, vindo da filial do importante clube em Paredes do Douro. E a despeito do seu pouco físico, nada alto e sensivelmente magro — António Araujo ganhou logo popularidade, no seio da crítica e na consideração do público.

Um ano ou dois mais, já o simpático jogador do F. C. P. havia conquistado definitivamente o lugar na equipa de honra, umas vezes ao lado de Artur de Sousa, o Mestre, outras junto de Gomes da Costa, também outro admirável jogador dos nossos tempos. Começou como extremo esquerdo — tendo Sousa a seu lado, a guiar-lhe o jogo, a ensinar-lhe os pormenores, muitos dos segredos que o veterano azul e branco conhece. Depois, quando era preciso, ocupava outros postos, — todos os lugares da linha avançada, e sempre de modo a conseguir impôr-se a colegas e adversários.

Hoje, António Araujo é um admirável jogador. Feito indiscutivelmente nas fileiras do campeão do Norte. O seu apuro técnico é visível, — e para chegar a esta simples conclusão bastará reparar um pouco no seu trabalho durante 90 minutos dos jogos quem tem disputado.

O movimento fácil e rápido das suas pernas a caminhar para a bola, os golpes de cabeça sempre oportunos e o «tiro» que executa na altura de remate, — são predicados que o impõem como elemento de qualidades invulgares para a boa ordenação do jogo. Uma bola saída dos pés de Araujo — é sempre o princípio de uma avançada, o estabelecimento de perigo para as balizas do adversário.

Mas apresentemos o jogador com as suas próprias palavras. Com todo o sabor do seu estilo durlense, modesto mas vivo, inteligente para o jogo e para a vida.

— V. Gosta do futebol há muito tempo?

— Desde garoto. Ainda antes de jogar no União de Paredes já me atraíam todas as bolas da raspalada do meu tempo, à saída da escola ou nos intervalos da nossa actividade profissional.

— Em que se ocupava, então?

— Numa alfataria, na minha ylla.

— Como se fez a sua passagem para o F. C. do Porto?

— Naturalmente. O Paredes onde comecei, é filial do meu clube.

O número de adeptos do Porto, na minha terra é considerável, quase se contando pelos seus habitantes. Por isso a ninguém causou surpresa a minha passagem para o campeão nortenho.

— Nem aborrecimento ao seu antigo agrupamento, não é verdade?

— Nem aborrecimentos! Hoje, Paredes interessa-se, naturalmente, pelo meu trabalho e, claro está, pela boa sorte do F. C. do Porto.

— Estranhou a sua passagem para um meio mais adiantado?

— A princípio. Mas breve me adaptei. Eu já conhecia o valor do futebol portuense e do clube onde ingressei, a que já pertencia pelo coração.

— Agrada-lhe o lugar de interior-direito?

— Todos os lugares em que resolvam colocar-me e onde eu possa servir o meu clube e o futebol. O posto de interior, porém, é mais da minha simpatia. Guardo igualmente as melhores recordações dos jogos que fiz ao lado de Artur Sousa. Muito me agrada ainda ter por companheiro Gomes da Costa.

— São estes os companheiros que mais admira?

— Admiro-os a todos. Principalmente quando tudo nos corre bem...

— E nos adversários?

— Tenho muito respeito pelas defesas do Azevedo, «entradas» do Feleclano e do Manuel Marques, e avanços de Peyroteo...

— V. gosta do jogo rijo ou das jogadas de estilo, mais habilidade que força?

— Nem podia deixar de ser: — o meu tipo de jogo predilecto é aquele que me permite fugir ao choque. Não gosto de complicações e isso obriga-me, possivelmente a simpatizar com toadas rápidas, fazendo antes caminhar a bola, depois de a «preparar» à minha maneira. Todos temos o nosso «segredo»...

— Segredos do seu remate?...

— Remate como é possível. Nem sempre bem... — o que muito me aborrece, compreensivelmente. Gosto muito de marcar uma bola bonita. E quando ela dá a vitória ao meu clube? Uma coisa admirável!

— Em tempo constou que o Araujo viria para Lisboa...

Já sei. E esperava-se até que fôsse chamado à



Araujo, no fim do treino, no Estádio Nacional — prepara-se para regressar ao hotel

tropa, não é isso? Tudo fantasias. Dou-me bem lá na terra, em Paredes.

— Em Paredes? não vive no Porto?

— Não. Vou lá treinar e jogar, mas logo que terminam estas funções, «raspo-me» para a terra. O bulício das cidades não me agrada. Este meu provincialismo não faz mal, pois não?

O Araujo, como já disse antes, é simples, a conversar. Expõe claramente as suas idéias e interroga muitas vezes, hábil como no jogo...

Que mais lhe interessaria no momento?

— Crescer e alargar. A primeira coisa já não seria possível; na segunda conflu e, de facto, peso mais uns quilos. Bastante falta me faziam!

— Nem a linha nacional o tenta?

— Ha, sim! Gostaria de jogar pelo «team» do meu país. Parece que todos nós ambicionamos essa honra. Isso depende, entretanto, de tanta coisa...

— Descrença?

— Não senhor. Do Norte ao Sul há muitos jogadores bons...

Falamos-lhe, depois, da classificação do seu clube. Araujo, quanto atacamos o assunto, parece contrariado. Compõe um sorriso algo triste, pensa uns momentos e afirma-nos:

— No princípio do campeonato, aguardava mais confiadamente o trabalho do meu grupo. Mas vieram as baixas: — Catolino, Barrigana, eu próprio, com um pulso partido, Vitor Guilhar, com o pé fracturado, etc. Gomes da Costa regressou tarde e sem preparação... Claro que tudo isto perturbou. Foi uma lástima, pode crer. Não pudemos acertar o passo, e sabe-se que quando assim sucede — só muito tarde volta a confiança aos nossos espiritos embaraçados pelos desaires.

«Vamos lá ver se isto se compõe na segunda volta.

Rodrigues Teles

(Continua na página 15)

Olhos na bola, Araujo procura embaraçar os movimentos do guarda-redes adversário. O seu pé esquerdo está em posição de remate



Primeira derrota do Boavista, no Porto



Velhinha, do Boavista salva a falha do seu guarda-redes. Espírito Santo, todavia, fará na recarga o 3.º «goal» do Benfica



Martins defende com êxito, a despeito da carga de Calado



A jogada que deu o 2.º ponto do Boavista. Caiado, em boa posição, vai executar o remate vitorioso



Não houve perigo! A bola levava excelente caminho, mas todo o bloco defensivo do Benfica se empertigou — e o Boavista perdeu admirável oportunidade...

O DIRIGENTE PAIVA E SILVA

fala-nos da situação actual das obras da Tapadinha e da sua possível eleição para a presidência da A. F. L.

A obra, magnífica, sob o aspecto desportivo e social, que o Atlético levou a cabo com a construção do formoso estádio da Tapadinha, continua na ordem do dia. E é assim porque aquele grandioso empreendimento, além de ficar marcando pelo tempo fora uma arrojadada iniciativa, nos dá um dos mais belos exemplos de quanto vasta e benéfica pode ser a actividade de um clube de desporto.

A obra, porém, não está concluída. Tudo o que ali vemos é um pedaço do projecto, enorme, que um grupo de homens concebeu e, sob todas as responsabilidades, levou a efeito — e que há-de chegar, muito em breve, a seu termo. Isso mesmo o garantiram — ao desporto nacional — os empreendedores daquela bellissima ideia, quando da inauguração da primeira grande parte da obra. E da mesma forma, com o mesmo entusiasmo, com a mesma fé nos destinos desse pensamento de um dia, nos falou numa destas noites o sr. Paiva e Silva — um dos pilares base do empreendimento, que, sem ofuscar a vontade e a luta admirável dos seus companheiros, nos aparece — sem ele querer, diga-se — no primeiro plano. Reconhecemo-lo nós e todos os «atléticos» e desportistas.

A obra, em toda a sua grandeza material e idealista, está valorizada cada vez mais pela vontade e pela dedicação dos que, sem temer responsabilidades e sacrifícios, a edificaram.

Publicou-se agora a noticia de que o Estado, pela verba do Commissariado do Desemprego, concedia ao Atlético 200 contos para o seu estádio. Em que iriam ser empregados esses tantos contos? Quais as obras que iriam aumentar o belo projecto em curso? Foram estas as perguntas que fizemos a Paiva e Silva.

— A verba que agora nos foi atribuída não vem permitir o prosseguimento de outras obras marcadas no projecto — diz-nos Paiva e Silva. Por enquanto, a responsabilidade é toda da comissão que fez nascer o Estádio da Tapadinha. Essa importância, que, claro está, nos será entregue depois de cumpridas certas formalidades, é a percentagem que nos é atribuída sobre o valor de obras efectuadas depois de que a Comissão de Urbanização veio vistoriar o terreno. Há uma lei que facilita o Commissariado do Desemprego conceder 40% sobre o valor de obras reconhecidas de utilidade pública. Está neste caso o nosso estádio. Mas quando essa Comissão veio verificar a obra, já ela estava concluída, e portanto essa percentagem perdeu-se, porque, se fizemos a obra, é porque para ela tínhamos

mos dinheiro. Todos sabem, o próprio organismo oficial, que a construção fez-se sob a nossa responsabilidade pessoal, mas a letra da Lei tem de ser respeitada. Deixámos assim de receber os mil contos que seria a percentagem sobre os 2.500 contos que até ali a obra nos custou. Os 200 contos são a importância atribuída às obras que, na altura da vistoria, faltava fazer. E, assim, quando essa importância for recebida, será para pagamento de todas as outras responsabilidades contraiadas com o prosseguimento da obra — após a vistoria da Comissão de Urbanização. Eis a razão — explicamos Paiva e Silva — por que o Atlético não recebeu ainda do Estado qualquer comparticipação.

— Mas o projecto compre-se — confirma-nos o prestigioso dirigente desportivo. E estamos esperançados que esta nossa obra desportiva e social merecerá das entidades oficiais o auxilio prometido. Entretanto, este nosso ideal irá por diante. Não se pode fazer ideia de quanto trabalho, quantas apreensões, representa esta nossa obra.

Convém, no entanto, esclarecer que, quando nos abalancámos a este projecto, previmos a expropriação do campo de Santo Amaro — a importância de 800 contos — dinheiro com o qual contámos para custear as despesas da construção do nosso estádio.

Continuamos este empreendimento, procurando levar até ao fim a realidade de um sonho e a de uma obra que, se é do clube, mais é ainda em favor do des-



Joaquim Paiva e Silva
presidente
da Direcção do Atlético

porto nacional. Estamos animados do melhor desejo de cumprir esta missão a que voluntariamente nos dedicámos, mas esperamos com fé que esta obra seja bem compreendida.

De novo, no Estádio da Tapadinha — informa-nos depois o presidente do Atlético — temos a quase conclusão do «rink» de patinagem.

A cobertura das bancadas está também pronta e não será para muito tarde a sua colocação. Tudo agora depende do possível auxilio que nos seja dado.

E Paiva e Silva interrogam-nos: — Não merecemos? Não está de pé uma obra de grande significado social?

O Atlético na presidência da A. F. L. ?

Esclarecida em pormenor a fase actual das obras da Tapadinha, procurámos a verdade sobre a eleição do Atlético para a presidência da A. F. de Lisboa.

Paiva e Silva, que, sem favor, desfrata do desporto lisboeta de uma posição de relevo, não só pela sua inteligente e ponderada acção nos seus clubes (não se esquece que presidia no União Lisboa), mas também durante os cinco anos que esteve na direcção da A. F. L., esclareceram-nos:

— A confirmar-se o desejo da maioria dos clubes de Lisboa, o Atlético assumirá a presidência do organismo regional. Tudo depende, é certo, do acto eleitoral — que não terá opposição, note-se. Uma só lista será apresentada,

depois, é claro, de reuniões dos clubes.

No entanto, a escolha do Atlético é razão da sua personalidade clubista — que a tem, sem favor — e também pelo meu nome. No entanto desejaria bem que se encontrasse ainda uma outra solução, pois que de bom grado me veria substituído nesse encargo para que me chamam.

— A que atribui a escolha do Atlético?

— A parte o valor do clube no desporto nacional, está a sua posição de neutralidade no recente conflito, ficando à margem de todas as questões e de todos os nomes visados. Assim, constituímos — se formos chamados a esse cargo — um seguro fiel de balança, defendendo a razão e a justiça sem olhar a clubes e a nomes.

Quanto a mim, não me indigito para o lugar, mas o Atlético defende a sua sabida à presidência.

— No entanto, o Atlético na presidência da A. F. L. quer dizer que se trata de Paiva e Silva?

— Pelo que já me foi exposto, assim é. Mas não farei propaganda eleitoral. Se assumir esse cargo, em nome do Atlético, é mais um sacrificio pelo clube, mas também lhe garanto que nos lançaremos numa campanha de conciliação que aproveite o desporto, o dignifique e que lembre aos dirigentes que a sua compositura disciplinar é o melhor exemplo para a disciplina a exigir dos desportistas.

— Teria bons projectos?

— Há tantos a pôr em prática! Mas por enquanto trata-se apenas de simples «démarches» para elaboração da lista que será apresentada na assembleia da A. F. L. Que já foi abordado pela maioria dos clubes para ocupar esse lugar, é certo. Que o pretendo? De maneira nenhuma. Mas defendo que seja para o Atlético esse posto. Merece-o.

— Veriam os então Paiva e Silva afastado do Atlético?

— Seria substituído, interinamente, é claro. Mas continuaria na presidência da Comissão Administrativa das obras, cargo que não é incompatível com o da presidência da A. F. L. Não enjeito de maneira alguma a responsabilidade, além de que estarei firme até se tornar uma realidade o nosso projecto. E a politica do Atlético seria a mesma, até porque, estando eu na direcção da A. F. L., quereria que o meu clube fizesse sempre boa figura.

Eis o que apurámos ao fim de uma troca de impressões com o conhecido e prestigioso dirigente desportivo, cuja acção se tem tornado credora de bom elogio.

Fernando Sá

Completo um ano o jornal «A Bola»

É com viva satisfação que assinalamos, ao fim de um ano de trabalho, o êxito de «A Bola». Eis uma iniciativa que triunfou.

Tal era, de resto, de yaticinar, dadas as qualidades de Alvaro de Andrade, Cândido de Oliveira e Ribeiro dos Reis, os últimos dois nomes grandes da Causa dos desportos. Além de tudo, aqueles nossos distintos camaradas rodearam-se de um escol magni-

fico de colaboradores. Pode dizer-se que todos os que trabalham em aquele jornal têm o seu quinhão no êxito. Por outro lado, «A Bola» mantém o magnifico aspecto gráfico que, desde a hora da arrancada, distingue a publicação. Os trabalhadores de «A Bola» reuniram-se em um banquete de confraternização. Também sentimos, por eles, a alegria desta hora.

a vida desportiva POR ESSE MUNDO FORA

E' frequente dizer-se, umas vezes na Imprensa e outras fora dela, que o desporto se encontra em Portugal quase abandonado dos poderes públicos ou, mesmo, onerado por taxas elevadas. Simultaneamente, costuma-se inoocar o estafado lugar comum de que «no estrangeiro sucede precisamente o oposto», ou seja que as actividades desportivas se encontram bem amparadas e livres de quaisquer impostos pesados. Deste modo, procura-se desacreditar o que dentro das nossas fronteiras se vai pondo em prática.

Ora, é bom saber-se quanto pagam na liberal Inglaterra os desportos espectaculosos, como o futebol e o boxe, a fim de sermos moderados nas nossas ousações e, por vezes, injustas acusações.

Assim, o futebol cede ao Estado 45 por cento das receitas obtidas nos jogos, enquanto que o pugilismo deixa 48 por cento e mais 5 por cento para a respectiva federação. O desafio de terça-feira da semana finda entre o Sunderland e o Bury teve como receita 1.073 libras e 3 dinheiros. Pois a Fazenda abotoou-se com 482 libras, 17 xelins e 1,35 dinheiros...

Uma palha, como se vê!

Há bem poucas semanas queixava-se o pugilista Jock Mc Avoy das dificuldades financeiras contra as quais lutavam os boxeadores ingleses e os empresários.

Exemplificando: numa «bolsa» de mil libras há o seguinte escoamento inevitável: 200 libras para despesas de preparação (material, auxiliares, etc.); percentagem do manager (25 por cento do remanescente); 200 libras; imposto profissional (30 por cento da totalidade); 300 libras.

No fim e ao cabo, o pugilista recebe apenas 300 libras, ou sejam 33,33 por cento da quantia paga pelo empresário.

Se compararmos isto com a situação dos profissionais portugueses, devemos reconhecer como muito mais generoso e livre o figurino nacional. Qualquer boxeador lusitano despense apenas 150 a 250 escudos pela licença anual e paga ao cuidador 25 a 30 por cento daquilo que auferir no quadrângulo, sem ter de entregar ao Estado um vintém que seja como imposto profissional...

Oxalá que sempre assim continue, para prestígio das instituições e amparo ao desporto português.

Rafael Barradas

BOXE

Mais outra vitória de Cerdan

O nosso conhecido Marcel Cerdan derrotou há dias em Paris o velho e habilitado pugilista Eduardo Tasset, por pontos, após 10 assaltos. A vítima é um veterano e o facto de ter aguentado pela 2.ª vez os embates do jovem e atlético Cerdan

A taça de Inglaterra

CONCLUÍRAM durante a semana finda os oitavos de final da Taça de Inglaterra. A primeira mão, disputada no sábado 26 de Janeiro, foi seguida por numeroso público e a assistência total aos dezasseis jogos ascendeu a 520.041 pessoas, o que dá uma média de trinta e duas mil e tal entradas por cada desafio.

O match mais concorrido foi o de Chelsea contra West Ham, em Stamford Bridge (66.000 espectadores), seguido pelos de Newcastle contra Chesterfield (46.000) e Charlton contra Wolverhampton (45.000).

Os resultados apresentaram poucas surpresas. Apenas perderam «em casa» o Bradford, o Millwall e o Southampton. O melhor futebol produzido foi de Stoke City e Stanley Matthews, conquanto sofrendo de gripe, portou-se como herói.

A arbitragem mais notável — quase perfeita, no dizer da crítica — coube a T. Smith. Durante este desafio (Aston Villa contra Millwall), o jovem defesa esquerdo do Millwall, Fisher, rachou a cabeça profundamente. No entanto lutou até final com uma coragem enorme, sangrando em profusão, a ponto de, após o desafio, ser preciso hospitalizá-lo de urgência.

A segunda mão dos oitavos de final jogou-se durante a semana, na 2.ª, 3.ª e 4.ª feiras. O Aston Villa, derrotado por 9-1 o Millwall, foi apurado por 13-3 e tomou a posição de favorito da prova. O Stoke City eliminou também o Sheffield United (50.859 espectadores), embora perdesse por 3-2. O mesmo sucedeu ao Sunderland, derrotado pelo Bury (5-4), mas vencedor da «mão» por 7-6, após prolongamento. Na 4.ª feira jogaram-se 11 jogos e assim se apuraram os 16 clubes que hão-de disputar o quarto-de-final brevemente.

Continua a «epidemia» das transferências. Parece que 3 ases da bola vão mudar de clube.

apenas prova que este último não é o supra-sumo que por aí se aludia.

Tasset leva dez anos de diferença ao vencedor de Guedes e tem de prática como profissional 16 anos bem medidos e preenchidos.

O publico ocorreu em grande massa ao Palácio dos Desportos e a receita atingiu 8 milhões de francos, um recorde de bilheteira.

FUTEBOL

Frank Soo, o chim do Leicester e famoso médio-esquerdo do onze nacional, ingressará no Derby County, deixando o Stoke City.

Billy Watson, do Huddersfield e da selecção inglesa, talvez vá para o Manchester City.

Willie Buchan, também internacional do onze da Escócia, supõe-se que irá para um clube da Irlanda.

O campeonato Sul-Americano

PROSSEGUE em Buenos-Aires, perante assistências colossais e excitadíssimas (pelo calor, pela política e pelo certame...), o campeonato sul-americano de futebol.

A Argentina venceu o Paraguai por 2 tentos a zero; o Brasil a Bolívia por 3 a zero e o Uruguai derrotou o Chile por 1 bola a zero, tudo na primeira ronda. Na imediata, a Argentina esmagou a Bolívia por 7 bolas a 1 no Estádio de River Plate e o Chile venceu o Paraguai por 2 tentos a 1, com certa dificuldade.

O melhor jogo travou-se entre o Brasil (que com a Argentina possui o melhor onze actual da América do Sul...) e o Uruguai. A luta foi soberba, terminando com a vitória dos brasileiros por 4 bolas a 3.

A classificação actual dos seis países concorrentes é a seguinte: Argentina e Brasil 4 pontos; Uruguai e Chile 2 pontos; Bolívia e Paraguai 0 pontos.

Campeonato de Espanha O ATLÉTICO DE BILBAU

passou a comandar a classificação

JA se sabe que no campeonato de Espanha oscila a classificação constantemente. Os melhores grupos do campeonato batem-se denodadamente, em procura de classificação honrosa e, assim, entre o primeiro e o 5.º há apenas uma diferença de 5 pontos; e entre o primeiro e o 4.º — apenas 2 pontos!

Eis os resultados da 1.ª Divisão na última jornada:

Gijón, 1-Sevilha, 2; Espanhol, 4-Castellón, 1; Alcoyano, 4-Celta, 2; Aviación, 5-Hercules, 2; Bilbao, 2-Barcelona, 1; Valencia, 2-Oviedo, 2; Murcia, 1-Madrid, 0.

Estão, portanto, classificados: Bilbao, 25 pontos; Sevilha 24; Barcelona e Oviedo, 23; Madrid, 22; Valencia, 20; Gijón, 19; Castellón, 17; Aviación, 16; Alcoyano, 15; Celta, 14; Espanhol e Murcia, 11; Hercules, 10.

RUGBY

A França derrota a Irlanda, em Dublin...

REALIZOU-SE em Dublin o anunciado match de bola ovóide entre os quinze irlandês e francês. Contra toda a expectativa os continentais obtiveram a vitória por 4 pontos (um drop goal) contra 3 (penalty goal) marcados respectivamente por Bergongnan e Thorpe.

Os franceses mereciam ter ganho por margem mais clara do que um só ponto de diferença.

No dia 9 do corrente a equipa irlandesa defrontar-se-á contra a inglesa em Dublin.

... e Gales jogou contra a Escócia

NO sábado findo realizou-se em Swansea o desafio de rugby entre os grupos representativos de Gales e da Escócia. Não ficou um único lugar vago, apesar dos bilhetes custarem caríssimo (peões: 15 xelins), pois os impostos sobrecarregam imenso os espectáculos desportivos (7 xelins e 1 dinheiro por cada bilhete vendido).

No papel, comparando os resultados recentes obtidos pelos dois grupos (a Escócia derrotou os Kiwis, estes a Inglaterra, que, por seu turno, venceu Gales...), a vitória devia caber aos jogadores do Highlands.

Na data em que escrevemos não se conhece ainda o resultado do encontro.

TÊNIS

Brom Wich ganhou o campeonato da Austrália

REALIZOU-SE em Adelaide, sob uma temperatura elevadíssima, o desafio de ténis para a final de «singulares» do campeonato australiano.

John Brom Wich e Dinny Pails lutaram durante 3 horas consecutivas. A qualidade do jogo exibido impressionou vivamente os técnicos que presenciaram o duelo. Alguns comentadores declaram que tanto o vencedor como o vencido não devem achar rivais, à sua altura, quer na América quer na Europa.

Brom Wich, a meio do encontro, parecia dever sucumbir. Mas, dominando esse desfalecimento passageiro, acabou vencendo brilhantemente por 5/7, 6/3, 7/5, 3/6 e 6/2.

Tanto Pails como Brom Wich são os representantes da Austrália nos próximos jogos da Taça Davis

LISBOA VENCEU...



Lutam leões e olhanenses pela posse da bola! Abraão saiu com oportunidade — e um colega foi para a rede — não fôsse haver perigo...



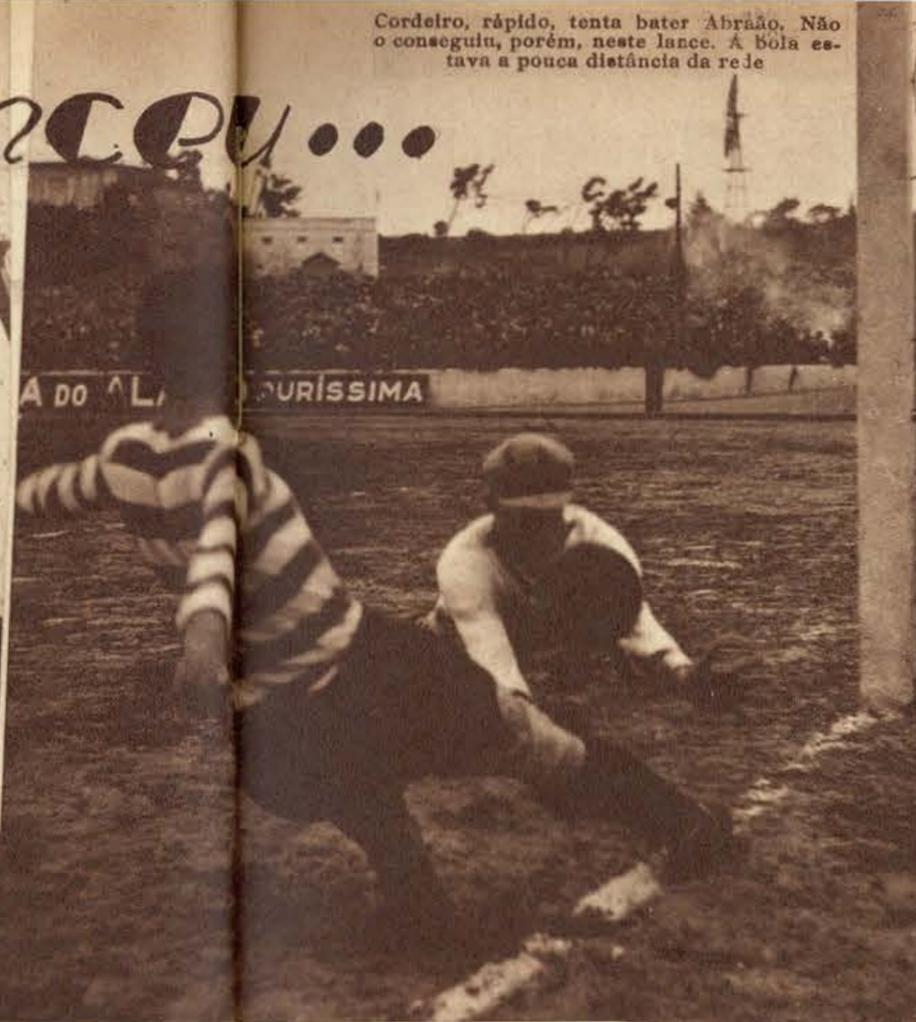
Boa intervenção de Lourenço, Enérgica, valorosa — verdadeiramente atlética



Defesa decisiva de Abraão. Peyroteo está perto...



Abraão não lurgará a bola, neste lance. Peyroteo, como sempre costuma fazer, vigia os movimentos do adversário



Cordeiro, rápido, tenta bater Abraão. Não conseguiu, porém, neste lance. A bola estava a pouca distância da rede



Manuel dos Anjos, em boa posição, devolve uma bola do ataque belenense



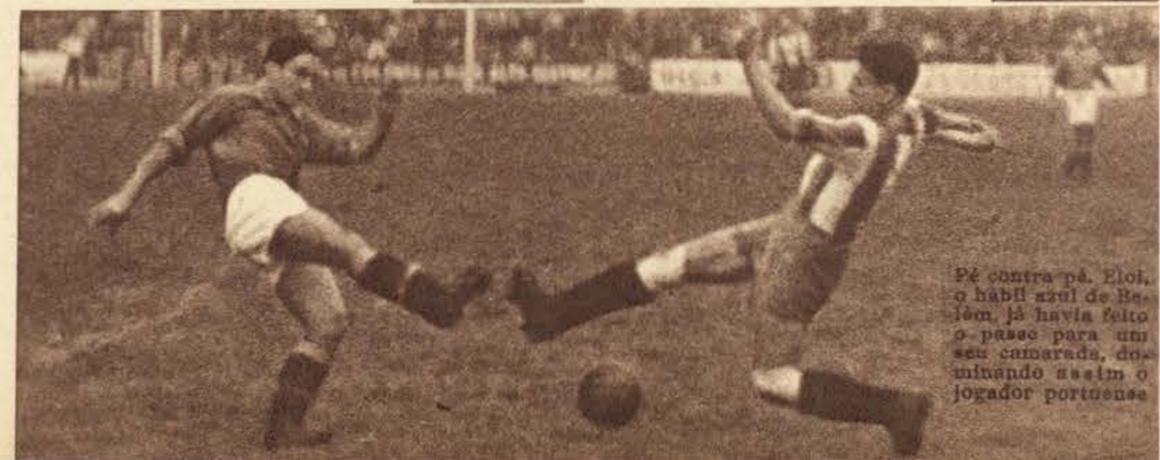
Armando procura rematar às redes portuenses. Camilo virá a impor-se, todavia, numa entrada enérgica



Martins desfaz o perigo que representa a presença de Correia Dias



Outra vez Camilo em acção, para evitar uma avançada de Armando



Pé contra pé. Eloi, o habil azul de Belem, já havia feito o passe para um seu camarada, dominando assim o jogador portuense

A SÍNTESE DA 9.ª JORNADA

COMEÇA a decidir-se o pleito Lisboa-Província. Os dois clubes lisboetas que jogaram em Lisboa, no Lumiar e nas Salésias, respectivamente, contra o Olhanense e o Porto, os dois mais fortes do resto do país, venceram. Aquele que jogou no Porto, contra o valoroso Boavista, também passou sem novidade de maior. Mesmo o eclipse de Atlético não chega para escurecer o ambiente lisboeta, que está de parabéns. Belenenses, 3 — Porto, 2. Sporting, 1 — Olhanense, 0. Boavista, 2 — Benfica, 4. Académica, 5 — Elvas, 1. Vitória G., 3 — Vitória S., 2. Oliveirense, 1 — Atlético, 1.

O encontro das Salésias foi emocionante. O clube de Belem arrancou o triunfo por um fio. Quem havia de dizer que essa honra recairia no jogador que se estreou no grupo de primeira categoria?

Também a vitória dos leões foi arrancada com as maiores dificuldades. Um remate de Peyroteo arrancou os dois pontos.

A brancura do Boavista ficou escurecida com o triunfo benfiquense. O grupo lisboeta não só ganhou, como convenceu. Parece ter sido o team que deixou no Porto, até agora, melhor impressão.

O Elvas, animoso como sempre, começou bem, mas viu-se depois irremediavelmente dominado e batido. Os elvenses lutaram, no entanto, do princípio ao fim.

Em Guimarães, disputou-se um encontro equilibrado. O facto do Vitória passar a jogar no campo da Amorosa está a surtir os seus efeitos. Também os ares de Albergaria, estão a fazer bem ao Oliveirense. Empatar com o Atlético não é mau de todo.

Conserva-se à cabeça da tabela o Belenenses, com 14 pontos. O grupo dos

três, incluindo os algarvios, desmanchou-se. Seguem o rasto dos azuis dois clubes de Lisboa: o Benfica e o Sporting, os Históricos. Estão apenas a um ponto de distância.

Olhanense e Atlético caminham a par, com 11 pontos. A luta que os algarvios estão a travar para se conservarem, ao menos, já que o título parece fugir-lhes, no meio dos clubes consagrados de Lisboa, tem qualquer coisa de muito belo.

Entre estes cinco participantes e os outros sete há diferença sensível. Boavista segue briosamente com 8 pontos, em 6.º lugar, e após marcham cinco teams em igualdade de pontuação: Porto, os dois Vitórias, Académica e o Sport Lisboa e Elvas. Sem desprimor para os outros, é ainda de destacar o comportamento do campeão de Portalegre. O Oliveirense figura em último lugar, mas a sua actuação melhora a olhos vistos.

Vão à frente, como marcadores, Peyroteo e Cabrita, cada um com onze bolas. Que luta! Correia Dias, Araujo e Gregório estão com nove. Quem será, no campeonato nacional que se disputa, o melhor chutador? A questão parece difícil de solucionar.

A próxima jornada é constituída pelos seguintes encontros: Académica-Vitória de Setúbal; Atlético-Vitória de Guimarães; Benfica-Oliveirense; Porto-Boavista; Olhanense-Belenenses e Elvas-Sporting.

Destacam-se na 10.ª jornada os encontros que se disputam no Porto, entre os rivais locais, e o de Olhão. O Belenenses vai passar um mau bocado em terras algarvias. Ha tarefas aparentemente fáceis para o Atlético e Benfica. O encontro de Coimbra também se apresenta equilibrado. Os leões vão a Elvas. O seu problema não é de fácil solução.

Comentários...

Preparar-se, enquanto é tempo

O pequeno Arturito

A Espanha desportiva tem um novo ídolo; não se trata desta vez de algum torneio de espectacular arrojio, nem de jogador de futebol que avassale as multidões com o seu talento de pontapear, mas simplesmente de um garoto de calorze anos que se distingue no mais sedentário e menos estimulador de paixões de todos os jogos considerados desportivos: o xadrez. E chama-se ele Artur Pomar.

O pequeno Arturito, como o tratam todos os seus compatriotas, goza da máxima popularidade pelos seus precoces triunfos e, desde que começou chegando de Londres os primeiros ecos das suas vitórias sobre campeões reputados e que, pela idade, podiam ser seus avós, o público espanhol consagrou-o como verdadeiro herói nacional.

Durante a duração do torneio londrino, o comportamento de Arturito era o assunto preferido de todas as palestras e podíamos ter a certeza, quando dois conhecidos se encontravam na rua, no café ou onde fosse, de que a conversação incidiria, a breve prazo, orgulhosamente, sobre as proezas do jovem xadrezista. Isto na hipótese mais moderada, pois era frequente ouvir-se, simultânea com o apertar das mãos e a modos de bons dias, a frase consabida: «Que me di-

ces de Arturito. hein?» ou, «Formidável, el niño Pomar en Londres!»

Arrastada pela corrente de entusiasmo da opinião popular, a Federação de Xadrez julgou-se na obrigação de mostrar publicamente o seu interesse pelos êxitos do seu representante, e, assim, nada encontrou melhor do que anunciar na imprensa madrileña que estava aberta a inscrição para um banquete de homenagem a Arturito quando ele regressasse de Inglaterra.

O projecto, porém, é provável que não chegue a realidade, porque aos dirigentes superiores do desporto pareceu impróprio e perigoso—o demos-lhes carradas de razão—homenagear com um banquete, e numerosos discursos laudatórios também, uma criança de calorze anos, que é já um invulgar jogador de xadrez, mas do qual é sobretudo indispensável fazer um homem.

O «niño Pomar», com suas façanhas excepcionais, que fazem dele uma atracção onde quer que se exhiba, virá a ser, se não houver uma enérgica interfeirência superior a protegê-lo e encaminhá-lo, uma vítima dos seus próprios privilégios.

Deus nos livre de ter, algum dia, filhos que sejam meninos prodígios!

Fechar o Estádio

O encontro de futebol que a equipa da Royal Air Force vem disputar a Lisboa no domingo 17 de Fevereiro, de frente ao grupo militar português, despertou no público extraordinário interesse, pelo menos tanto como, há um ano, aconteceu com o jogo Portugal-Espanha, que serviu para abertura do Estádio Nacional às grandes competições desportivas.

Sucedeu, então, que, de um dia para o outro, se esgotaram nas bilheteiras de venda as localidades para os espectadores e esta circunstância provocou em vários sectores da opinião pública críticas acerbas à Federação, acusada de haver negociado a lotação com os revendedores, pois só assim se poderia explicar o rápido desaparecimento dos bilhetes.

Agora, organizado o encontro sem a mínima interfeirência do organismo federativo, feita a distribuição das entradas em regime de racionamento e até fiscalizada por entidade que, no caso precedente, também levantara reparos, sucedeu exactamente a mesma coisa: em dois dias o local de venda encerrou porque estava completa a lotação e, apesar disso, ouviu-se um coro geral de lamentações de pessoas que não conseguiram alcançar bilhete que

lhes permitia assistir ao jogo.

Então? Muito simples; o Estádio Nacional é pequeno para a afluência de público que ocorre aos sensacionais desafios de bola, e contra tal facto não existem medidas de organização que valham para impedir as queixas e protestos.

Devemos contar, quando se celebrem no Estádio do Jamor quaisquer competições desportivas, com uma corrente suplementar de espectadores, formada por alguns milhares de pessoas que normalmente não assistem aos prêmios desportivos, mas vêm atraídos pelo prestígio do recinto e pela curiosidade de um cenário novo. Estes, juntos aos muitos milhares de adeptos que cada domingo se espalham por diversos campos da capital e, nessa tarde, convergem, sem uma audiência, para o Estádio, transbordam das suas instalações.

Esta é a verdade verificada. Remédio? Muito simples: fechar o Estádio, o que trará consideráveis benefícios de ordem desportiva e nenhum prejuízo para a sua grandeza arquitectónica.

Fechar o Estádio, sem nenhum inconveniente para os espectadores, que ali vão para assistir a uma competição desportiva e pouco se importam com os horizontes paisagísticos do lugar que ocupam.

SUPONHO que os dirigentes da Federação Portuguesa de Atletismo, cuja dedicação e competência estão por sobre demonstradas, con-

sagram já o melhor tempo das suas reuniões periódicas ao estado do plano imediato de preparação dos possíveis componentes da equipa nacional que irá oferecer deslora aos seleccionados espanhóis, a Barcelona, na última semana de Julho ou na primeira semana de Agosto.

Suponho, tenho mesmo a certeza, que todos eles vivem já preocupados pela tremenda responsabilidade da difícil tarefa e absorvidos no empenho de cuidar dos mínimos pormenores, garantindo à representação portuguesa o óptimo da sua forma na hora H.

Tem toda a razão os federativos portugueses e, neste começo de Fevereiro, é mais do que tempo de transformarem em actos práticos as conclusões dos seus estudos e planos, encaminhando por elas os atletas mais diligentes.

Durante a recente visita a Madrid tive necessidade de trocar longas impressões com os dirigentes do atletismo espanhol, todos velhos amigos, e da sua boca colhi a confirmação daquilo que sabia por elementar dedução: os atletas do país irmão preparam-se já com afínco e entusiasmo para a sua luta contra os portugueses, no anseio naturalíssimo de apagar os efeitos da pesada derrota de 1945.

O lançador Torres batera recentemente o recorde de Castela, lançando o peso a 15,742 (dos nossos lançadores apenas Manuel da Silva, a meu conhecimento, cuida da sua preparação no campo) e o corredor de fundo Gregório Rojo escrevera dias antes ao secretário geral da Federação informando-o da sua boa forma actual e do seu propósito de melhorar no decurso da época próxima os recordes espanhóis da légua e dos dez mil metros. Estas indicações esclarecem suficientemente o estado geral de espírito dos interessados.

A Federação Portuguesa, que também deve conhecer estes factos e que sabe que não irá encontrar em Montaleu o mesmo conjunto de circunstâncias favoráveis que auxiliaram em Setembro passado o expressivo triunfo nacional no Estádio do Lumiar, deveria agora, para animação do meio e para sossego do espírito público, deixar sair do segredo de gabinete o seu plano de acção, tanto mais que se aproxima, se é que não chegou já, o momento propício para lhe dar começo prático.

Julgo que a Federação tem acompanhado de longe a actividade dos seus prováveis representantes e sabe, por conseguinte, aquilo que nós não sabemos: se têm prosseguido na sua preparação física e como aproveitaram os meses já passados do inverno, que não podem ser meses mor-

tos na tabela de cuidados dos praticantes do atletismo.

Os concursistas não podem parar, sobre todos os lançadores, que carecem de meticoloso ensino de aperfeiçoamento técnico e intenso trabalho ininterrupto do próprio exercício; não esqueçamos que é este o sector em que nos mostramos mais fracos, inferiores mesmo aos nossos adversários.

Os corredores devem, por sua vez, iniciar a frequência regular das pistas, obedecendo a normas especiais de treino que lhes assegurem o óptimo da forma no momento desejado.

Porque espera então o organismo superior do atletismo para pôr em acção o que já determina?

Seria oportuno reunir os treinadores dos clubes para uma troca de impressões e estabelecimento de plano comum de trabalho; seria inadivél a designação de um professor de ginástica que tomasse imediatamente a seu cargo a cultura física dos atletas, de acordo com as suas averiguadas necessidades; mais seria vantajoso a elaboração de tabelas de treino especiais para cada pré-seleccionado, porque é de pagar que se chega mais longe.

Isto adivinho eu que a Federação já assentou nas suas reuniões; o que não adivinho é a causa que a leva a mantê-lo confidencial.

«Corrija o seu estilo» Passou além fronteiras

Já por diversas vezes tivemos ocasião de agradecer à revista catalã «Atletismo» as amáveis transcrições dos nossos artigos técnicos, apresentados ao público espanhol nas colunas das suas páginas com a indicação de autoria e, por vezes, da origem.

Acontece agora, porém, que deparamos nos números de Outubro e Janeiro passados da referida revista-circular da Federação Catalã com dois artigos intitulados «Reconoce en su estilo algano de estes defectos?» e cujo preâmbulo diz textualmente: «Con el fin de ilustrar a los atletas respecto a posibles defectos de estilo, detalleemos algunas de la más corrientes irregularidades en esta especialidad».

Sequemos-se comentários técnicos a umas figurinhas desenhadas e com o indicativo de pequenas setas numeradas.

O primeiro artigo passou-nos despercebido, mas o segundo prendeu-nos a atenção, com ar de coisa conhecida.

Pudera! Vinha a ser simplesmente a reprodução por decalque das fotografias e a tradução literal do texto da nossa secção «Corrija o seu estilo», publicada nos números da «Stadium» de 15 de Agosto e 8 de Agosto de 1945.

O que tinham perdido era o nome do pai e, para reparar a omissão, perfilharam-nos os directores da revista.

José de Eça

Alfredo Melão vem para o Benfica

O interior-direito do Atlético de Luanda é a nova aquisição do Benfica, em África

CONVIDADO pela Direcção do Sport Lisboa e Benfica a ingressar no popular clube lisboeta, conforme programam os telegramas trocados e que nos foi dado ver, Alfredo Melão, o magnífico interior-direito do Clube Atlético de Luanda, deve seguir para a Metrópole nam dos primeiros vapores, possivelmente no «Lourenço Marques».

Como é do conhecimento dos leitores, além de Fernando Peyroteo e de Espírito Santo, os dois jogadores angolanos actualmente mais em evidência no desporto português, outros atletas desta parcela do Império Colonial alinharam já em vários clubes metropolitanos. Todos eles procuraram representar o melhor possível esta colónia que lhes servia de berço.

Certos estamos que Alfredo Melão, um moço cheio de habilidade, venha, com os ensinamentos do seu treinador, atingir uma elevada posição no desporto nacional.

Quando lhe solicitámos uma entrevista para «Stadium», Alfredo Melão, que se encontrava a trabalhar nos escritórios da Mampira, amavelmente se colocou à nossa disposição.

— Ouvimos falar na sua ida para a Metrópole. É o que nos pode dizer a esse respeito?

— Olhe. Soube há tempos, por uma carta de um antigo companheiro da minha equipa, o Boavista, actualmente no F. C. do Porto, a estudar, que o Benfica andava a tratar da minha ida para lá. Porém, nunca tive conhecimento de nada, oficialmente. Eis porque me surpreenda o telegrama que recebi há dias.

Melão tirou do bolso o referido telegrama, no qual se lê o seguinte: «Alfredo Melão—Mampira—Luanda. Tado tratado sua transferência Lisboa jogar Sport Lisboa Benfica. Pode trazer noiva. Transporte nossa custa. Honorários superiores actuais. — Bermades, Presidente».

Logo a seguir mostra-nos outro, que não reproduzimos por se tratar apenas da confirmação do anterior.

— Está então satisfeito?
— Sim. Muito satisfeito— respondeu-nos o nosso entrevistado. Sempre ambiciono jogar na Metrópole. Além disso, gostava imenso de conhecer Portugal, especialmente Lisboa, de que me contam tantas maravilhas.

— Sente-se com coragem de

poder jogar ao lado dos grandes jogadores, como Francisco Ferreira e Gaspar Pinto, etc?

— Porque não?! Vontade não me falta. Estou convencido que, se encontrar um bom treinador, poderei fazer boa figura. De resto, conheço o Espírito Santo, sei o que jogava e veja como ele se aperfeiçoa.

— Quantos anos tem?
— Vinte e quatro. Já é tarde para aprender, mas, com boa vontade, tudo se faz. Veja o exemplo que nos dá o «Pinga», um elemento de elevada categoria e que ainda hoje, apesar da sua avançada idade, é um ótimo jogador.

— Há quanto tempo pratica o futebol?

— Desde miúdo que dou pontapés na bola. No entanto, só há oito anos comecei a jogar oficialmente e em primeiras categorias do Atlético.

— Na Metrópole, em que vai empregar a sua actividade, à parte do futebol?

— Continuarei a ser empregado do commercio. O Benfica tratou da minha transferência para a sede da Mampira, em Lisboa.

— Não fica com saudades de Luanda e do seu clube?

— Com muitas saudades— respondeu-nos Melão. Foi aqui criado e educado e no Atlético conheci muitos dos meus melhores amigos.

Qual é a sua opinião sobre o desporto angolano?

— Há, em todos os que praticam desporto, grande vontade em fazer mais e melhor. Por exemplo, no futebol, como sabe, existem rapazes cheios de qualidades, mas a falta de orientadores e bons dirigentes não permite o seu desenvolvimento.

Alfredo Melão representou já várias vezes a capital de Angola, entre elas uma contra a selecção do Pool, do Congo Belga e Congo Francês. Agil, mexendo bem o esférico, Melão pode muito bem atingir um lugar de grande relevo no futebol português.

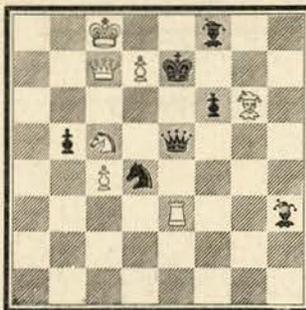
Jaime Armando

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Custo por número..	2\$00
3 meses, Esc. . . .	26\$00
6 » »	52\$00
12 » »	104\$00

PROBLEMA XXIV

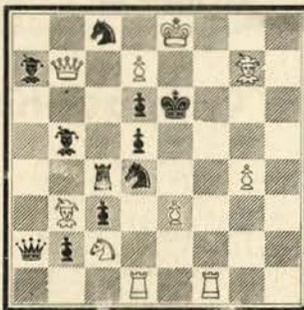
«Ensaio»



2 X

PROBLEMA XXV

«Ignotus»



2 X

XADREZ

João de Moura

ganhou o Torneio de Mestres

INTEGRADO no programa da nova orgânica do xadrez desportivo, iniciou-se o Campeonato Nacional da modalidade com a realização do Torneio de Mestres, que foi disputado entre seis titulares inscritos e cinco candidatos à categoria.

A classificação final desta primeira fase da grande prova foi a seguinte:

- 1.º—João de Moura, 6,5. 2.º—José Dores, 6,3. 3.º—dr. Peter Braumann, 6,4. 4.º—dr. Fernando Encarnação, 5,5. 5.º—Gabriel Russell, 5,5. 6.º—dr. Mário Machado, 5,5. 7.º—Rui Nascimento, 5,9. 8.º—Alexandre Gonçalves, 5,9. 9.º—Eng. Nandin de Carvalho, 5,10. 10.º—Eng. Ronald Silley, 2,5. 11.º—Carlos Pires, 2,5 pontos.

A luta desenvolveu-se renhida e eriçada de espinhos para os estreantes, que buscavam a «chance» de ingressarem na categoria superior. A tentativa foi coroada de pleno êxito para os cinco pretendentes. O quadro de honra do xadrez desportivo foi assim «refrescado» com cinco novos elementos, confirmando-se com uma única excepção, a forma estacionária dos mestres portugueses.

O ex-campeão nacional, João de Moura, foi o vencedor da prova. O seu jogo calmo e seguro—que sabe ser agressivo quando se lhe proporciona a oportunidade—predominou no choque dos estilos em presença.

O estreante Dores, em excelente forma, foi o mais directo rival do vencedor. Esplêndida intuição e boa concepção de jogo e de teoria.

Braumann estaciona. Boa actuação, no entanto. Dá a impressão que só o contacto internacional lhe rasgará novos horizontes.

A 4.ª classificação do candidato português Fernando de Encarnação foi uma das surpresas do torneio. Jogo sóbrio e seguro, aliado a prometedora intuição.

O veterano Gabriel Russell continua a dar boas provas. Foi um escolhido para os estreantes, o único que saiu invicto do embate com a equipa dos candidatos!

O dr. Mário Machado demons-

tra mais uma vez solidez excepcional, espelho de uma classe que não quebra. Os seis empatas são bastante conclusivos.

Para o 7.º posto empatou um lote de estreantes, com a percentagem mínima que requeria a candidatura. Rui Nascimento, depois de bater João de Moura, salientou-se ainda no decisivo arranço final.

Gonçalves, campeão nortenho, jogou muito bem. O relógio foi um «adversário» mais. Na partida com Moura, a «seta» caía, antecipando-se ao lance por escassos segundos!

A actuação de Nandin foi discreta. Sendo dos poucos que cultiva a teoria, é uma questão de tempo e treino a subida a postos de maior destaque.

Bastante distanciados, classificaram-se a seguir Ronald Silley e Carlos Pires. Boa réplica do primeiro—e surpreendente actuação do segundo. Carlos Pires perdeu o título numa luta inglória, enquanto desportiva, que lhe proporcionou o maior revés de toda a sua carreira. A punição foi todavia demasiado severa para a força actual.

A direcção do torneio foi confiada à Comissão técnica do Grupo de Xadrez do Clube dos Caçadores Portugueses, actuando o júri constituído pelos srs. eng. Rodrigues da Silva e dr. Manuel Antunes.

A segunda fase do campeonato é iniciada de seguida, com o concurso dos seis primeiros classificados do presente Torneio de Mestres.

Não podemos deixar de salientar aqui a ausência de Francisco Lúpi na competição máxima do xadrez nacional, e quanto ela pode significar nos resultados finais da prova.

Tudo leva a crer que Francisco Lúpi, que na época transaccionou o Torneio de Mestres sem lhe ter sido oferecida a oportunidade de disputar o título máximo, verá mais uma vez negada essa possibilidade... porque preferia ir a Londres provar ao Mando que em Portugal também há jogadores de xadrez.

Vasco C. Santos

OS FERROVIÁRIOS de Lourenço Marques POSSUEM UM GRANDE CLUBE.



O edifício próprio onde está instalada a sede do Clube Ferroviário

LOURENÇO MARQUES, cidade alegre e moderna da nossa possessão ultramarina de Moçambique, pedaço admirável de Portugal — também pratica desporto com o melhor entusiasmo! Prova-o a existência do seu Ferroviário e de muitos agrupamentos de boa categoria, a razoável legião de entusiastas e, até, a boa classe dos seus praticantes.

Por Lourenço Marques tem passado já grupos de excelente classe: idos da Africa do Sul. As vitórias sobre o Transval, por exemplo, representam já uma apreciável demonstração de classe, o que não surpreende se dissermos que em Lourenço Marques jogaram e jogam elementos como O'neil, Isac, Costuras, Jacinto, Manuel Teixeira, Liberto Santos, Leitoguinho, Jaime Rodrigues, Esteves, Helder, Farinha e tantos outros que o público continental conhece dos tempos em que per-

tenciam ao Sporting, Belenenses, Benfica, F. C. Porto, Boavista, etc. Em Lourenço Marques e nomeadamente no Ferroviário, entretanto, não se pratica apenas futebol.

Tivemos há dias ocasião de conversar sobre o movimento desportivo da nossa província de Moçambique com o sr. Eduardo Heitor Ribeiro de Carvalho, antigo secretário geral do Clube Ferroviário, agora de passagem na Metrópole, e os seus esclareci-

mentos sobre a actividade do seu organismo merecem ser lidos ao conhecimento dos leitores.

Eis o que nos disse o sr. Ribeiro de Carvalho:

— Principiarei já por dizer-lhe que o nosso campo de jogos é relvado. Possui bancadas e uma pista para a prática do atletismo e contamos melhorá-lo na medida do possível. Passou agora a chamar-se «Campo



O salão onde os sócios do Ferroviário fazem ginástica

Engenheiro Freitas e Costa», homenagem póstuma a um homem que em vida muito trabalhou pelo clube. «Como se sabe, principiaram a sua preparação no Ferroviário — Beni Levi, Xangai, Vilson, Fernando Matos, etc. Funcionam no ginásio do clube várias classes de crianças, senhoras e homens, dirigidos pelos srs. capitão Ismael Jorge e sargento Basílio Guimarães. Os empregados dos Caminhos de Ferro, de certa idade, são obrigados, primeiro, a praticar ginástica, ministrada sempre às 8 horas da manhã. Almoçam no clube, gratuitamente, e seguem depois para o seu trabalho.

— Tudo à custa do clube?

— Recebemos um subsídio anual de 40 contos da Companhia.

«A nossa sede tem Teatro e Cinema e lá se exibiram já conhecidos artistas continentais e valiosas orquestras; salões de recreio, restaurante e uma espécie de pensão provisória para

os empregados que venham de fora.

«A nossa banda de música é a única de Lourenço Marques e ainda há pouco tomou parte na manifestação

do sr. Cardal Patriarca. Dedicamo-nos agora ao hockey em patins e temos concorrido aos campeonatos de «basket», de atletismo e tenis de mesa.



O grupo de honra do Ferroviário



A sala da direcção, vendo-se ao fundo a «Taça Salazar», que o clube reconquistou na época finda

A obra da **MOCIDADE PORTUGUESA**

////// NO SEU ASPECTO EDUCATIVO ////



Uma «exibição de aeromodelismo»



A equipa de futebol da Casa Pia, vencedora da Escola Ferreira Borges



A equipa vencedora do «corta-mato»



Uma fase do jogo Colégio Militar — Liceu Pedro Nunes



Os concorrentes do «corta-mato» à partida

FOI pena, realmente, que o sol não tivesse aparecido em toda a sua magnitude, na manhã de quinta-feira passada, para inundar de luz e alegria os terrenos do Jamor, onde se efectuou a bela festa da «Mocidade Portuguesa».

Programa variado e completo, a atestar a múltipla actividade da patriótica Organização. E a dominar tudo, uma nota inconfundível de alegria allada ao alto espirito desportivo que caracterizou todas as competições efectuadas. O desporto registou uma bela jornada de propaganda. E a «Mocidade» mais uma vez saiu prestigiada com esta sua organização.

Como é natural, foi o futebol que maior animação provocou. Disputaram-se dois desafios, ambos a contar para o campeonato da Ala 2, presentemente em curso.

O grupo do Colégio Militar — a que já nos referimos, no último número — não teve dificuldades de maior, perante a turma da Escola Pedro Nunes, a quem venceu por 11-0, com 5-0 ao intervalo. Um desafio em que o vencedor triunfa por 11 bolas sem resposta, tem a sua história feita. A superioridade física dos rapazes da Luz esteve, mais uma vez, em evidência. E a vitória surgiu, assim, lógica e natural.

No outro encontro as forças apresentaram-se mais equilibradas.

A turma da Casa Pia venceu por 5-2 o elenco da Escola Ferreira Borges. Encontro animado, dinâmico, agradável de seguir. Não houve primores de técnica, bem entendido, mas viu-se futebol vivo, um tanto à base de energia, mas com correcção digna de nota.

Bonita a vitória da Casa Pia — bonita e justa. Outro número, interessante e espectacular, foi a prova de corta-mato, a que concorreram algumas dezenas de filiados, dos dezasseis aos dezolito anos.

O percurso, bem delimitado, começava junto aos «courts» de ténis, estendia-se pela estrada junto à Quinta de Balteiro, e ponte de cimento sobre o rio, através do terreno fronteiriço a Linda-a-Pastora, verificando-se a chegada no campo de treinos.

Individualmente, Vitor da Conceição foi o vencedor, revelando boas condições para a modalidade. Pareceu-nos elemento a cultivar e que gostaríamos de ver noutras competições. Nos lugares de honra, Manuel Entrudo e Manuel José Esteves. Colectivamente, o triunfo pertenceu ao conjunto das Oficinas Gerais.

Fica bem uma referência às restantes provas do programa. A vitória de João Malate no concurso de orientação e observação. E ainda as demonstrações de aeromodelismo



A secção de campismo da Mocidade

e de campismo, estas sob a orientação do inspector Luiz José Tovar de Lemos.

Em resumo: a «Mocidade» aproveitou bem o feriado de 31 de Janeiro. Dezenas de filiados estiveram em actividade. E nos terrenos que circundam o formoso Estádio, havia animação invulgar.

O BASQUETE portuense vai ser de novo representado na Federação Portuguesa pelo nosso camarada Rodrigues Teles. Ocupará na entidade máxima o posto de vice-presidente da Direcção, sendo oportuno recordar que o conhecido jornalista representa ainda, no mesmo lugar, duas federações: —Andebol e Ciclismo.

♦ A PROPÓSITO de ciclismo, vemos num jornal do Porto que o vice-presidente da Federação não aparece às reuniões da entidade máxima, etc.

Salvo o devido respeito — parece que o federativo que representa o Porto não deverá satisfações nesse sentido a crítico ou críticos que... muito se importam com as faltas de comparecência dos dirigentes.

Mas, pelo sim, pelo não — telefonámos ao nosso camarada, o que fazemos que se diariamente, por questões de serviço:

— É verdade isto que eu li?

— Mas o quê?...

— V. não liga importância ao ciclismo; não aparece; o Norte, o Porto, está desprezado... Isso é impróprio de si — nortenho de quatro costados...

— Mentira... tudo mentira...

♦ CONTOU-NOS então Rodrigues Teles: «Eu não peço às Associações a minha eleição ou reeleição. Tenho muito que fazer, felizmente. Quis sair do andebol e nem me deixou o sr. dr. Salazar Carreira, Inspector dos Desportos, nem o sr. dr. Leonardo Reis, presidente da A. H. do Porto. Vou agora para o basquete, a pedido do ilustre vice-presidente da A. B. B. do Porto, que pessoalmente me procurou em Lisboa. Dei-lhe conta, todavia, da minha falta de tempo. Mas, esteja descansado: — quando o Porto precisa de quem olhe por ele — eu arranjo uns minutos...

♦ TODAVIA — e a sua falta de comparecência no ciclismo?

— Ah, sim, já esquecia. Mas, então, lenho que lhe dar contas disso? Ouça, nesse caso: tomei posse, há poucas semanas. E, depois disso, lenho ido à Federação várias vezes, onde me encontro quase sempre com Manuel Mota, Antero Ventura, José Fontes e o V. Alves. Também quer perguntar-lhes se é verdade ou não?

— Então não aparece só o sr. Armando Massadas pelo Norte?

— Ainda não tive o prazer de o encontrar lá. Pouca sorte minha. De resto, V. pensa que a Federação, nesta altura, exige tanto a comparecência dos directores a hora exacta, etc.? Os directores, de qualquer maneira, estão sempre em contacto. Mas não seja abelhudo, meu amigo. Quer um lugar na Federação? Pronto: — ofereço-lhe o meu... Se a Associação deixar, claro.

♦ NÃO podem ser acusados os milhares de desportistas honestos e correctos de qualquer comparticipação em incidentes que se tenham verificado quando da visita da selecção nacional. Em toda a parte há discólos. Felizmente.

na capital do NORTE

A cidade do Porto

não terá direito a jogos internacionais?

JÁ lá vai o tempo em que ao Porto eram oferecidos jogos «internacionais»! Tudo madoa... Os desportistas portuenses e de todo o Norte, se quiserem assistir a um jogo «internacional» — terão de se deslocar para Lisboa!

E porque sucede assim? Ao contrário do que acontece em vários países, que distribuem os jogos por diversas cidades, para contentar todas as assistências, para se fazer do futebol a necessária propaganda, procede-se em Portugal de modo bem diferente.

Pode agora invocar-se a falta de um campo à altura de jogos importantes, mas, se recordarmos épocas passadas, veremos, sem esforço, que já se procede assim há muitos anos. Ainda não existia o Estádio Nacional e já o Lima, relvado, próprio para bons encontros entre países, era esquecido. O Lima e os desportistas de uma região laboriosa e amiga do bom futebol.

Não valerá a pena falar, por exemplo, na decisão de ser disputado apenas em Lisboa o último jogo da «Taça Portugal». Tornou-se necessário imitar a Inglaterra no que ela tem possivelmente de menos firme, desportivamente, e prejudicou-se sem mais aquelas as cidades que muito contribuem para a expansão do futebol e muito gostariam

de assistir também a um deslho com o ambiente de final...

Se quiserem insistir na afirmação de que o Porto, actualmente, não possui terreno à altura, madaremos então de campo. Que o mesmo é dizer: — continuaremos na propaganda do Estádio do F. C. do Porto, que por certo o saberá colocar à disposição do futebol nacional.

Não vamos abertamente para uma propaganda que nos possa dar o Estádio Municipal, e apenas por isto: — porque o «Estádio de Clube» dará ao Porto o necessário índice do seu movimento e actividade. Estádio Municipal pode ser útil, admiravelmente necessário para demonstração de interesse pelo desporto — mas pode acontecer-lhe apenas isto: — ser esquecido por falta daquele dinamismo que os grandes clubes sabem emprestar-lhe.

Estamos esperanças, portanto, na construção do Estádio do F. C. do Porto, o grande baluarte da cidade. E, depois disso, se nos for permitido, voltaremos a «discutir» como no princípio deste artigo: — «Porque não tem o Porto, o Norte, jogos internacionais»? Não o merece uma população que muito se esforça pelo desporto e nomeadamente pelo futebol?

Ora vamos a pensar um pouco nesta verdade...

UM ATLETA portuense



Teófilo Linhares Tuna é uma das mais fortes dedicações do andebol portuense. É um indiscutível jogador. De classe. Este ano, entretanto, Teófilo apenas apareceu de juída no grupo de honra do seu clube — o velho F. C. do Porto.

Querirá isto dizer que se verifica o prometido abandono?

No ano findo, Teófilo Tuna anunciou a sua retirada, por se considerar velho. Isto em sua opinião, respeitável sem dúvida, mas com certeza errada. Teófilo era ainda um jogador utilíssimo, e bem o demonstrou depois, reaparecendo e provando a sua utilidade.

Nesse ano — a época finda — o F. C. do Porto conquistou de novo e pela 7.^a vez o título de campeão de Portugal, podendo afirmar-se que para isso contribuiu Teófilo Tuna poderosamente.

Nesta época, entretanto, parece de facto afastado intransigentemente. Tal como o avançado centro Gomes dos Santos, outro admirável jogador azul branco.

A ser definitiva a ideia denunciada o ano passado por Teófilo — lamentamo-la sinceramente. Trata-se de um elemento preciso para o desenvolvimento do andebol e, mais do que isso, um desportista de primeira água.

Teófilo dava-se inteiramente à prática do jogo e defendia sempre com muito entusiasmo a camisola do seu clube. Nunca o vimos vacilar no seu posto. E nunca se lhe puderam apontar atitudes menos desportivas e dignas. Alinha no grupo de elementos que fazem falta.

Mas... ainda se conta, mais hoje mais amanhã, com a sua reentrada. Esteja o F. C. do Porto em perigo e veremos se é assim ou não!

Todos os desportos

Andebol

RESUMO dos resultados, na última jornada do campeonato portuense: Ferroviários-Fountainhas, 5-4; Vigorosa-Vilanova, 12-2; Académico-Sport, 7-7; Salgueiros-Desportivo Portugal, 11-2; Leça-Boavista, 11-3.

A série A da 1.^a Divisão, graças à boa imposição do Salgueiros, continua a fornecer-nos bons desafios. O Vigorosa obteve nesta jornada excelente resultado contra o Vilanova e comanda por isso a classificação, com os encarnados portuenses. Cada grupo possui 14 pontos, seguindo-se o Vilanova com 9.

Na série B — o F. C. do Porto não jogou no domingo, mas segue em 1.^o lugar, tanto mais que o Académico apenas pôde obter um empate com o Sport. Logo: Porto, 11 pontos; Académico, 9; Sport, 8; Leça, 8 e Boavista, 3.

Tudo se prepara, naturalmente, para boa luta na final das séries.

Hoquei em campo

ESTE campeonato do Porto é longo. É difícil. Concorrem 11 equipas, qual delas a mais forte, pelo menos até o lote de 6 classificados.

Resultados de domingo: Académica-Boavista, 1-0; Leixões-Académico, 1-1; Vigorosa-Porto, 0-0. Os jogos Gaia-Sport e Vilanova-L'Air Liquide não se disputaram. O Ramaldense não jogava.

O Boavista, que era 3.^o com 27 pontos, foi agora ultrapassado pelo F. C. do Porto, campeão regional, que não conseguiu ainda equilibrar com o Académico e Ramaldense, o primeiro com 31 e o segundo com 30, mas um jogo a menos.

Não pode ainda apontar-se o possível campeão regional. Ramaldense, Académico, F. C. do Porto e Boavista podem aspirar ao primeiro posto, visto que possuem boas equipas.

Biblioteca da "Stadium"

Continuamos hoje a publicação de «Biografias Desportivas» em separata: — Fernando Peyroteo.

O ciclismo e os dirigentes

da Associação de Ciclismo do Sul

ESTRANHO e errado juízo fariam acerca da velocidade portuguesa os que, não conhecendo os meandros da modalidade, lisessem assistido à última assembleia da Associação de Ciclismo efectuada há dias para eleição dos novos corpos dirigentes. Julgando pelo que se passou nessa reunião, onde estiveram presentes apenas dezoito pessoas e em que tudo se resolveu com inacreditável rapidez, com o indispensável protocolo, para dar ao acto a necessária legalidade, poder-se-ia supor que o ciclismo é, afinal, modalidade de pouca ou nenhuma projecção no âmbito do desporto português — modalidade que pretende impor-se em campo desfavorável, sem público, sem valor e de recente prática entre nós.

Todavia, aquele ambiente familiar e despido de qualquer parcela de entusiasmo, reflecte as consequências de uma situação em que tudo, de facto, parece estar certo, mas na qual falta qualquer coisa que mantenha o «fogo sagrado» indispensável sempre em todas as obras que exigem sacrifícios a quem delas cuida — esse ambiente não dava ideia da importância que o ciclismo atingiu já em Portugal. A assembleia da A. C. S., decerto a mais rápida de todas quantas se têm efectuado, traduziu — não temos dúvida em afirmá-lo — muito desinteresse e aborrecimento, muita falta de estímulo e também muita incompreensão de elementos que deviam estar presentes, não só naquele acto como durante o período em que tinham obrigações a cumprir.

Parece-nos que a velocidade merecia melhor tratamento. Porque é modalidade de grande valia no âmbito dos desportos portugueses e tem tradições entre nós que é preciso respeitar.

Lembra-nos perguntar se o ciclismo, modalidade que só por si conseguiu que um dos maiores clubes do País — o Sport Lisboa e Benfica — mantivesse e até aumentasse o seu enorme prestígio num período longo e amargo da sua história, em que lhe queriam cercar todas as condições de vida, se essa modalidade, que criou a dois dos seus praticantes a maior popularidade que até hoje gozaram entre nós homens de desporto, necessita de mendigar para encontrar alguém que lhe dirija os destinos?

Então essa modalidade de rara beleza espectacular, que proporciona manifestações desportivas como a «Volta a Portugal»; que torna possíveis resultados honrosos para o País como os das últimas competições espanholas; que permite aos clubes enriquecer, como nenhum outro desporto, as suas colecções de troféus, e que serviu para divulgar, tornando-as conhecidas de todos, pequenas colectividades como o Rio de Janeiro, Campo de Ourique, Grémio Alto Pina e tantos outros,

não merece ser acarinhada, protegida e amparada moral e materialmente?

Julgamos que ninguém poderá pôr em dúvida essa necessidade. Portanto, preste-se o mais incondicional apoio aos que se dignaram aceitar o encargo de dirigir os destinos da Associação de Ciclismo na temporada que se avizinha.

Teófilo Duarte, Fernando Sá, Alberto Castro, Raimundo Prieto, Serafim dos Santos, Luís Laureano e Deljim de Carvalho serão os timoneiros do ciclismo lisboeta em 1946. Que todos que se interessam pela modalidade colaborem lealmente com eles — são os nossos votos. Por nós faremos tudo quanto esteja ao nosso alcance para facilitar a sua ingrata tarefa.

Gil Moreira

Segunda Divisão

(Continuação da página 3)

tano Évora, 2-0; Cuf Barreiro-Unidos Montijo, 4-2.

Grupo D — Série 13: — Portalegrense-Covilhã, 6-0; L. C. Branco-Sporting Covilhã, 7-0; C. P. Abrantes-Campomaiorense, 2-1.

Série 14: — Sp. Elvense-União Montemor, 3-1; Amora Juventude, 4-0.

Série 15: — Atlético Moura-Pien-

AS NOSSAS ENTREVISTAS

Fala o portuense Araújo

(Continuação da página 4)

— O Araújo ainda é dos novos. Não conhece o futebol de há uns anos, certamente. Mas sem dúvida tem uma opinião formada sobre o valor do jogo actual, não é assim?

— Só lhe sei afirmar que me agrada o futebol e também que devemos jogar bem, colectivamente. No entanto, se no passado existiram muitos jogadores como Artur de Sousa — que bom deveria ser! O meu antigo colega de equipa era um mestre. Quando vinha de Paredes assistir aos jogos do F. C. P. e não pensava jogar ao seu lado — estonteava-me com as suas fintas e os seus passes aos extremos. E os remates?

Com esta imagem nos olhos se ficou Araújo. Não quisemos destruir-lha. A figura gigante dos famosos do futebol serve para criar nervos de aço naqueles que agora ocupam os seus lugares e a quem está reservado bom futuro. O jovem interior do F. C. do Porto poderá ser um deles — se não o considerarmos já uma realidade.

A sua vocação para o futebol prático é indesmentível e está bem à vista.

O Campeonato de Júniores prossegue com grande interesse

O campeonato de júniores da A. F. L. teve nos últimos oito dias mais duas jornadas, cujos programas foram cumpridos integralmente. Pode, portanto, dizer-se que a competição continua com regularidade e animação a interessar as vinte equipas que concorreram, embora as posições, ao cabo da quarta jornada, comecem a definir-se.

Na 1.ª série, anotaram-se os seguintes resultados: Sporting A venceu o Futebol Benfica por 5-0 e o Sintrense por 2-0; Cascalheira venceu o Sintrense por 4-1; C. U. F. venceu o Futebol Benfica por 4-0.

O Sporting A esteve em evidência, cotando-se como uma das equipas com mais sérias pretensões ao título. Nos dois encontros, os «leões» dominaram abertamente, ganhando jas ao triunfo. O «team» revela homogeneidade.

O Cascalheira, na sua terceira

exibição, confirmou os créditos antes patenteados. O conjunto evidenciou-se mais uma vez. Alinhado, sem valores individuais a realçar. Os avançados continuam a cumprir bem a sua missão, ao mesmo tempo que a defesa não compromete o bom trabalho daqueles.

O onze da C. U. F., constituído por elementos de boa complexão física, venceu bem o Futebol Benfica, que no domingo prejudicou a sua actuação com actos irreflexivos dalguns dos seus jogadores.

Na 2.ª série, há também duas equipas que se mostram superiores às restantes: Benfica A e Sporting B.

Vejam os resultados: Benfica A venceu Palmense por 3-0; Tarajense e Desportivo Operário empataram 0-0; Palmense venceu Tarajense por 3-0; D. Operário e Sporting B empataram 0-0.

Os «encarnados», contra o grupo de Palma, podiam ter alcançado resultado mais nítido... porque derrotaram o suficiente para isso.

O Desportivo Operário fez dois empates, sem «goals». A inépcia dos avançados e as boas exibições do guarda-redes justificam os resultados. A primeira circunstância verificou-se no jogo de quinta-feira passada contra o Tarajense; a segunda registou-se contra os «leões», no decurso de um encontro em que a equipa foi dominada.

Na 3.ª série, anotaram-se os seguintes resultados: Benfica B venceu Chelas por 3-0; Belenenses A venceu Sacavenense por 2-0; Benfica B venceu Sacavenense por 2-0; Chelas venceu Marvilense por 3-2.

Os «encarnados» vão bem na conquista de um lugar na «poule» final, e devem formar com os «cazais» o duo dos concorrentes mais capazes de vir a ter maior permanência na prova.

Ao invés, o Sacavenense parece ser o mais fraco da série, ainda que contra o Belenenses tenha dado boa conta de si, justificando-se, por isso, a magreza do «score».

O Chelas virá, certamente, a ocupar um lugar intermediário.

Na 4.ª série, o Estoril venceu o Belenenses B por 3-1 e o Oeiras por 5-0; o Cascais venceu o Atlético por 3-0; Atlético e Belenenses B empataram a duas bolas.

Os estorilenses, perdido o primeiro desafio, têm-se reabilitado, de tal modo que não admira que os vejamos na «poule» final. Excelente comportamento o do Cascais, em frente dos alcantarenenses. Estes, por seu turno, parece que não serão capazes de confirmar as tradições na prova. A sua actuação tem sido modesta.

E os «goals» da equipa B não têm deixado boa impressão nas suas duas últimas «aidas».

D. D.



Os concorrentes a uma prova de preparação do G. D. Humante



O grupo reserva de «basket» do Benfica

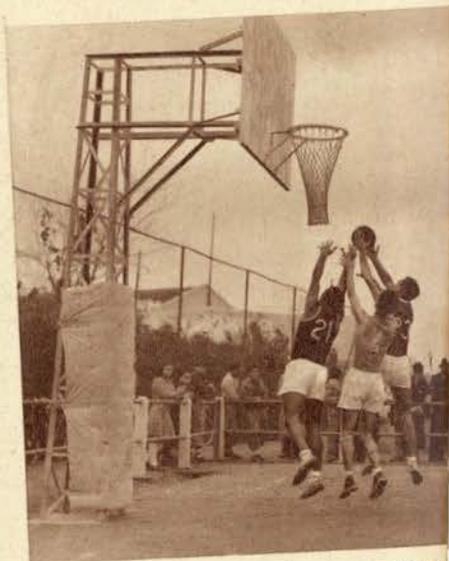


Equipa de «basket» (reserva) do Belenenses



Equipa de rúgbi do Estoril Praia, concorrente ao campeonato regional

DOMINGOS FOSFOROS

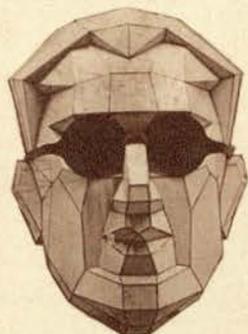


Uma fase do jogo Benfica-Belenenses, em reserva



Um aspecto do banquete de homenagem aos jogadores do Fósforos

ACADEMICA, 5 - ELVAS, 1



**GIL
OCULISTA**

FUNDADA EM 1865

Depositária das lentes "ZEISS"

Binóculos, Termómetros

Bússolas de marcha, etc.

Aparelhos de Precisão

136, RUA DA PRATA, 140

Telefone 22629 LISBOA



Teria sido mão? Assim parece. Entretanto, foi «goal» da Académica...



Joaquim João, em luta com a defesa do S.L. Elvas



Jacques, defende uma bola rematada pelos elvensos



Stadium

A ILUMINANTE

**MATERIAL ELECTRICO
PARA
TODAS AS APLICACOES**

*Av. Almirante Reis, 6
L. do Intendente, 11 e 17
Lisboa*

*R. Passos Manuel, 209
Porto*

ESC. 3.500